

Data: 09.04.2020

Título: PARIDADE Aporta fechada O VERBO "AJUDAR" É INDICADOR

Pub:

VISÃO

QuickCom  
comunicação integrada

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 74;75;76;77



Área: 2242cm² / 113%

FOTO Tiragem: 80.000

Cores: 4 Cores

ID: 6799038



## PARIDADE À porta fechada

Agora que a maioria de nós passa os dias em casa, como é que estamos de divisão das tarefas domésticas? Sobra sempre para as mulheres ou nem por isso?

ROSA RUELA

Não se pense que António estava a tirar a loiça da máquina só para a fotografia. Era preciso pôr a mesa, coisa que costuma fazer com a irmã, Sofia, e o pai ainda tentou apanhá-lo distraído, mas entretanto ele reparou e desataram todos a rir na cozinha – o miúdo, a mãe e o próprio fotógrafo de improviso. Depois, cortados os enchidos da entrada, foi a vez de Elisabete tirar um retrato de Paulo à frente do fogão.

Neste mesmo primeiro fim de semana de abril, a uns 1 400 quilómetros da Ribeira Grande, cidade da ilha de São Miguel, onde moram os Oliveira, mais três famílias pegaram num telemóvel para registar as suas vidas. Fizeram-no a nosso pedido, para mostrar como é que as tarefas estão a ser partilhadas, sobretudo entre os membros do casal. Queríamos perceber até que ponto o isolamento forçado, o teletrabalho e o convívio 24 horas por dia alteraram os seus hábitos.

É por isso que, nas páginas seguintes, podemos ver Daniel Valente a fazer construções de Lego com os dois filhos, Gabriel e Samuel, enquanto Inês consulta e-mails no computador. Ou ficamos a saber que Frederico Saragoça, através de uma fotografia tirada pelo filho adolescente, trabalha habitualmente na mesa da sala de jantar com a mulher e a filha mais nova. E que Cláudia Domingues ainda se ri quando Joana a surpreende à janela do escritório.

Também nos tínhamos rido ao receber uma selfie do mesmo Frederico com um evereste de roupa como ce-

nário. Este jurista numa autoridade de supervisão, de 42 anos, que foi um dos criadores do colunista Jovem Conservador de Direita, já confessara só não passar a ferro "por proteção da própria roupa", mas voltemos a casa dos Oliveira, onde o almoço naquele dia ia ser atum com migas de couve e ananás dos Açores como sobremesa, bem bom. Será que por ali alguém estranha ver Paulo ao fogão?

No estudo sobre paridade em casa que a VISÃO publicou no início de fevereiro, em parceria com a IKEA, 62% das mulheres disseram que eram maioritariamente elas a definir ou a preparar as refeições. Mas o diretor comercial na área da nutrição da Cooperativa União Agrícola, de 41 anos, gosta tanto de cozinhar que, por estes dias, queixa-se é da concorrência da mulher. De segunda a sexta, como ele tem de ir de manhã à fábrica de complementos alimentares para animais, a educadora de infância avança com os almoços. "Ainda assim, sou eu que vou às compras (agora só uma vez por semana) e decido o que comemos", ri-se Paulo.

### O VERBO "AJUDAR" É INDICADOR

Nesse mesmo inquérito, realizado pela GfK Metris com apoio científico de Paula Campos Pinto, investigadora no Centro Interdisciplinar de Estudos do Género do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, a socióloga fazia notar que as disparidades ainda são grandes. "O uso do verbo 'ajudar' é muito

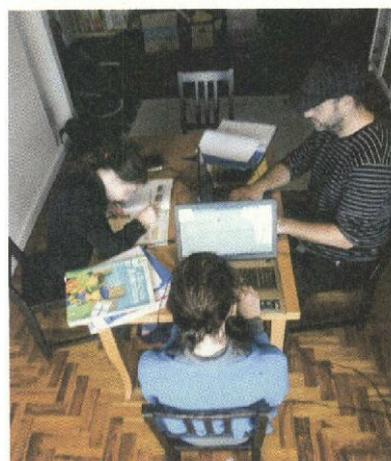
indicador de quem tem a responsabilidade principal”, dizia. “Por outro lado, os homens sentem que utilizar certos direitos de parentalidade ainda não é bem-visto nas empresas e pode ter efeitos negativos na carreira.”

Agora, com a maioria das pessoas em casa e em teletrabalho, é como se suspendêssemos a realidade. “Além de que aquilo que pensamos que se está a passar é uma perspetiva à volta do nosso umbigo”, sublinha Vanessa Cunha, investigadora do Instituto de Ciências Sociais (ICS), onde coordena o Observatório das Famílias e das Políticas de Família, depois de recusar traçar um cenário “porque seria sempre especulativo”.

PROVA DE FOGO DAS RELAÇÕES

Para escrever este artigo, aterrámos por acaso em lares onde a divisão das tarefas já era equilibrada. O mesmo se passava também em casa da socióloga do ICS, isolada desde meados de março com o marido e as duas filhas, de 12 e 16 anos. “Estamos a adaptar-nos, tentando que todos contribuam para que ninguém fique sobrecarregado com o acréscimo de tarefas”, conta.

A verdade é que a Covid-19 tanto pode ter provocado a sobrecarga das mulheres como situações de profundas aprendizagens de novas formas de estar em casa, nota Vanessa Cunha. Novas rotinas essas que poderão ou não instalar-se. “Isto são oportunidades de mudança? São. Mas o que é que vamos levar de mudança após este período de fechamento forçado? É tudo muito prematuro”, lembra. “É uma irrealidade tão grande que quando acordo ainda tenho de pensar no que está a acontecer.”



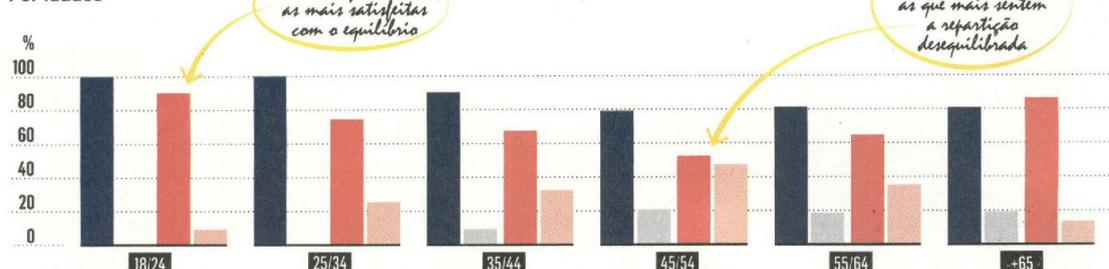
Paulo Oliveira, outra vez ele, já caiu na real há algum tempo, tanto que deixou de brincar com a paridade. “Eu dizia que a minha mulher às vezes ajudava”, conta, “porque tive o bom exemplo do meu pai e comecei a morar sozinho aos 18 anos, quando troquei o continente pelos Açores, para estudar Zootecnia. Mas ela agora até faz mais coisas do que eu – vai, por exemplo, limpando uma divisão enquanto estou na fábrica.”

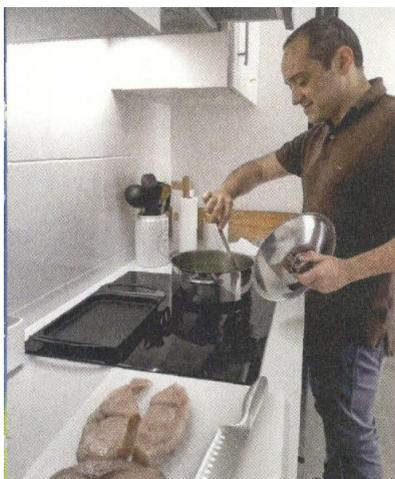
São várias as alterações lá em casa. O horário está mais tardio, mesmo em tempo de aulas à distância, mas é proibido passar o dia de pijama e puxou-se pela responsabilidade dos miúdos, de 10 e 5 anos. Como se demora mais tempo à mesa, António pode levantar-se e ficar por perto a fazer tiktoks e Sofia já sabe que se desarrumar mais, também tem de arrumar mais. “Vamos descobrindo qualidades uns nos

Considera que no seu agregado há uma divisão equilibrada das tarefas domésticas e familiares?

VALORES EM PORCENTAGEM

Por idades





outros, não é tudo mau”, brinca o pai.

Frederico Saragoça acabara a entrevista a dizer algo parecido. “Quando se passa 24 horas por dia com a pessoa com quem se escolheu estar, vê-se o melhor e o pior, é uma espécie de prova de fogo para as relações”, acredita. “Convém estarmos unidos, funcionarmos na lógica do espírito de equipa.”

Como tanto ele como Inês, que é secretária numa empresa de construção civil, estão em teletrabalho, as tarefas domésticas são divididas de uma forma orgânica. “Vejo roupa suja, ponho-a a lavar”, exemplifica o jurista. “Gerir a casa e os miúdos tem de ser em comum. Se a loiça não aparecer posta na máquina, vai criar mais uma entropia em casa. Quando um deles precisa de apoio nos estudos, também sabe que deve chamar quem está livre.”

Isaac, de 15 anos, e Matilde, de 9, já interiorizaram igualmente que é preciso colaborar mais com os pais. Embora ele esteja na idade de refilar, tem ajudado na montagem dos móveis (a família mudou recentemente de casa, para o bairro dos Olivais, em Lisboa), e ela oferece-se com frequência para fazer bolos e crepes para o lanche.

**Gerir espaço e tempo**  
Frederico habituou-se a dividir a mesa de trabalho com a mulher e a filha; Daniel está feito pai-ATL dos dois filhos; Paulo dedica-se ainda com mais afinco à cozinha e Cláudia acha graça às surpresas da filha mais nova

**Quem, por regra, acompanha as atividades escolares dos filhos e vai às reuniões de pais?**



“O que me preocupa é o cansaço a longo prazo do confinamento”, confessa Frederico. “Até agora, é giro estar com os amigos através do Houseparty e passar mais tempo com os pais em casa. Trabalhamos ao pé da Matilde, é engraçado, como se fôssemos colegas, mas em maio, quando chegarem os seus anos e ela não puder festejar a sério...”

#### A IMPORTÂNCIA DA CASA

Daniel Valente também está sobretudo preocupado com os filhos, com quem sempre tentou passar o maior número de horas possível. Antes da pandemia, os finais de tarde deste arquiteto urbanista de uma câmara da Grande Lisboa, de 43 anos, eram inteiramente dedicados aos miúdos. Agora, gere o teletrabalho de maneira a conseguir acompanhá-los nas atividades, porque a mulher é advogada num grande escritório de advogados e tem menos flexibilidade de horários. Sem a ajuda da empregada, que ia lá a casa todos os dias, é preciso conciliar o que já tinham de fazer com as novas tarefas.

O truque, diz Daniel, é combinar blocos de atividades entre as refeições.

Em tempo de aulas, ele estimula Gabriel e Samuel a seguirem um horário escolar, e nas férias entra em modo ATL. Todos os dias, os dois irmãos entretêm-se com quatro blocos diversos, à escolha entre seis completamente diferentes: revistas de atividades, desenhos e livros; Lego e Playmobil; Nerf, jogos de bola, discoteca e bicicleta (ainda só pedalaram uma vez pelas ruas de Algés, onde moram); plasticina, Science4You, cozinha; jogos de tabuleiro; e filme em família. “Só tivemos de usar o dado uma vez, para desempatar”, conta.

As brincadeiras são portáteis e os miúdos têm respeitado o espaço e a necessidade de silêncio dos adultos. Ajuda o facto de tanto Inês como Daniel só precisarem de um computador e de um molho de folhas para trabalharem.

Em casa de Cláudia Domingues, 46 anos, diretora de comunicação da IKEA em Portugal – que vive com o marido, Tiago, 45, engenheiro mecânico, e as filhas do casal, Marta, 15, e Joana, 11, na Costa da Caparica –, nasceram quatro zonas de trabalho, na sala de jantar, no escritório que pouco era usado e nos quartos das miúdas. Mais difícil tem sido manter estanques os momentos de lazer ou de convívio familiar, nota Cláudia. “O tempo ficou fluido e os computadores e os telefones estão sempre lá. Para sentir que estamos de facto juntos temos de, a certa altura, dizer: ‘Vamos lá parar e largar os telemóveis’”.

Quanto à paridade, ela acentuou-se agora que há mais tarefas domésticas e menos duas mãos (a empregada não vai), garante Cláudia. E estendeu-se às filhas. “Encaramos todas estas novas rotinas com um espírito de missão, o que é bom. Gosto de pensar naquilo que vai ficar – dar valor à casa e ao trabalho dos outros.” [rruela@visao.pt](mailto:rruela@visao.pt)

**FICHA TÉCNICA:** Estudo realizado para a VISÃO, em parceria com a Ikea, pela GfK Metris, suportado por uma metodologia quantitativa, com apoio científico de professora Paula Campos Pinto, do ISCSP. Universo: Constituído pelos indivíduos com 18 e mais anos, a viver em conjugalidade, residentes em Portugal Continental. Amostra: Constituída por 601 indivíduos, com a distribuição segundo as regiões GfK Metris (Grande Lisboa – 27%; Grande Porto – 18%; Centro Litoral – 17%; Norte Litoral – 16%; Interior – 11%; Algarve – 7%; Atejejo – 4%). A informação foi recolhida através de um questionário online. Os trabalhos de campo decorreram entre os dias 2 e 9 de setembro de 2019.